

Cresce número de camelôs na Grande Vitória

Segundo a Fecomércio, aumentou em 30% o número de vendedores ambulantes nas ruas mas eles afirmam que as vendas é que caíram

Natália Zucolotto

O brasileiro é conhecido por sempre dar um “jeitinho” para resolver seus problemas. E quando esse problema é a falta de dinheiro, as pessoas veem no comércio informal a melhor alternativa para pagar suas contas.

Nas ruas da Grande Vitória o número de camelôs aumentou em 30%, nos últimos meses, segundo dados da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Espírito Santo (Fecomércio).

Para o presidente da Fecomércio, José Lino Sepulcri, esse aumento é nítido e os comerciantes legalizados sentem a força dessa concorrência quando fecham as contas no final do mês.

Diretor da Câmara de Dirigentes Lojistas da Serra, José Antônio Pupin confirma esse aumento de ambulantes. “Nos arredores de Laranjeiras esses vendedores só aumentam. É um fato!”, afirma.

O economista Laudeir Frauches defende que “é melhor atuar na atividade informal do que na ilegal”, mas acredita que a prática prejudica os comerciantes e não garante direitos trabalhistas para os ambulantes. “O ideal é sempre se regularizar”, explica.

DIFICULDADES

Apesar da percepção da Fecomércio sobre o aumento dos camelôs nas ruas da Grande Vitória, quem trabalha nas calçadas do centro da capital garante que a si-

tução não está nada fácil. Para os comerciantes informais, a queda nas vendas ultrapassa 30%. Eles afirmam que nunca antes na história dos camelôs tiveram que gastar tanta “lábria” para o cliente levar uma mercadoria.

Quem afirma é a presidente da Associação de Camelôs de Vitória, Cida Pereira, que trabalha há 33 anos com comércio ambulante. Ela garante que não está fácil manter as barracas.

“Há uns dois anos, a gente encontrava umas 300 barracas pelo Centro. Hoje, se você achar 200 é muito. O que aumentou foi a quantidade de vendedores ambulantes sem barracas, esses que andam pelas ruas oferecendo seus produtos”, conta.

A Barraca do Léo, dirigida há 10 anos pelo camelô Léo de Paula, também anda com a procura mais baixa. O comerciante informal não acredita que os camelôs tenham aumentado, “o que aumentou foi a dificuldade de vender”, avalia.



CIDA Pereira reclama de dificuldade

SOLUÇÃO PARA DESEMPREGO



FOTOS: LEONE IGLESIAS/AT

Vendedor de doces após ser demitido

O trabalho de promotor de vendas era o ganha pão de Widerlei Correia da Conceição, de 27 anos. Era assim, até o dia em que ele fez parte das tão conhecidas reduções de gastos da empresa e se tornou estatística do desemprego. Foi quando o

ganha pão ficou um pouco mais doce, vindo dos bombons recheados.

Widerlei trabalha pelo centro de Vitória como vendedor ambulante e vende cerca de 120 unidades por dia. A bacia fica praticamente vazia no final da jornada, e ele garante que está

conseguindo bons lucros com as vendas do doce.

“Gosto de vender, mas estou em busca de um emprego formal e uma recolocação no mercado de trabalho”, conta ele numa rápida conversa para não perder tempo nas vendas.



LÉO DE PAULA teve queda na venda

Lojista pede camelódromo

Uma atuação mais eficaz da administração pública no comércio informal com a criação de um camelódromo — espaço reservado aos ambulantes — é o pedido da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Espírito Santo (Fecomércio).

“Nós não somos contra os camelôs, entendemos que todos têm que trabalhar e tirar o seu sustento, e isso é louvável. Mas precisamos de uma concorrência mais justa”, explica o presidente da federação, José Lino Sepulcri, que garante estar aberto a negociações.

O subsecretário de Controles Urbanos de Vitória, Rodrigo Monjardim, afirma que o camelódromo

está em fase de estudo. Ele afirma que o município faz fiscalizações e busca qualificar e regularizar esses trabalhadores.

Já a Prefeitura de Cariacica afirmou, por nota, ter no momento 100 ambulantes cadastrados no município e busca, junto com a iniciativa privada, uma parceria para construção de um shopping popular, que abrigaria os ambulantes.

Mas o que pode ser solução para lojistas, não é bem-visto pelos camelôs. Há 12 anos com barraca na Praça Oito, no centro de Vitória, Ismar Barbosa não acredita que seria uma boa opção. “As pessoas não iriam no camelódromo. Nosso comércio é feito nas calçadas”.